



HENRIQUE 8.º VISITANDO FRANCISCO 1.º

Os thronos d'Inglaterra, França e Alemanha eram occupados por tres poderosos monarchas, Henrique 8.º, Francisco 1.º, e Carlos 5.º Malavindos os dois ultimos sobre pertencões á corôa de Napoles estavam quasi em ruptura de guerra; e cada um pela sua parte diligenciaava alliar-se com a Graã-Bretanha; por isso ambos intentavam conciliar a amizade de Henrique, e a de seu principal ministro o cardeal de Wolsey. Por fim conseguiu o monarcha

JULHO 22 — 1843,

da França vêr no continente o seu visinho d'alem do Canal: Francisco 1.º assentou a sua côrte temporaria, por occasião deste encontro, em Ardres, e Henrique 8.º em Guines. De parte a parte a ostentação de riquezas foi excessiva: os abarracamentos e edificios de madeira que se levantaram para os inquilinos, que haviam de os habitar por tão poucos dias, eram todos forrados das mais ricas telas de sêda, e de galões de ouro, por tal forma que se

2.ª SERIE. — VOL. II.

pôz a estas sumptuosas tendas reaes o nome de acampamento d'ouro. — Amigavel foi o trato entre os dois nesta feira d'arraial, que de certo o foi, e não sessão convencionada para sérias e estaveis negociações politicas: simulada era a reciproca condescendencia; e os effeitos do tratado peremptorio ficaram no papel, como em outras occasiões identicas, anteriores e posteriores a esse encontro. Mostra-o a guerra que rebentou poucos annos depois. Todavia se na historia não avulta o encontro dos monarchas rivaes pelos resultados em acontecimentos futuros, as narrações que das pompas e festas d'então nos deixaram os chronistas contemporaneos dão sufficiente idéa dos estylos de côrte, e dos trajos, divertimentos, e mais circumstancias dessa epocha. — Ha sobretudo um rasgo do animo de cavalleiro, de que era grandemente dotado o rei de França. Francisco notou alguns receios em Henrique pelas precauções que tomava para a primeira recepção solemne; e para o tranquillisar appresentou-se desarmado e quasi só, um dia, bem cedo, no acampamento de Henrique, que soube avaliar esta demonstração de generosa confiança, penhor ao mesmo tempo de sincera boa-fé. — N'outra occasião, acabados os torneios dos cavalleiros, espectáculo muito da moda, os luctadores d'ambas as nações provaram forças entre si; e ao discutir-se na tenda real o merito dos respectivos combatentes, o monarcha inglez travou do braço do francez e tirando-o a terreiro, disse: «Tambem nós lidaremos; porque esta brincadeira é util exercicio, e não a havemos deixar unicamente á gente de nossa comitiva.» Fez tres ou quatro esforços para derribar Francisco; mas este, homem robusto e luctador, n'uma volta de mão deu com o contrario em terra; e nunca mais se experimentaram em contendas gymnasticas, talvez porque seriam pouco airozas para cabeças coroadas.

O Bono.

1128.

XIV.

Amor e vingança.

Tudo esqueceria na edificação de um castello do seculo XI ou XII menos um bom e solido carcere, com troneiras bem estreitas e engradadas de grossas barras de ferro. Às vezes os aposentos eram mal reparados contra as injurias das estações e os muros debeis e pouco vigiados, mas a masmorra sumida debaixo de torre macissa, escaçamente allumiada, com seus alçapões de grosso carvalho, suas entradas occultas, por onde em muitas occasiões os nobres alcaides e senhores iam, não sentidos, praticar as atrocidades que se lêem nas memorias daquella epocha, e a que ordinariamente dava origem a vingança ou a cubiça; esse aposento d'angustia, dizemos, nunca deixava de ser construido com primor. O carcere do castello era quasi sempre uma propriedade mais valiosa e productiva, que todas as terras, villas, herdades e direitos annexos áquelles ninhos de pequenos tyrannos; era uma especie de laboratorio de alchimia verdadeira onde a pobreza de judeu jurada e tresjurada pela toura se convertia em chuva aurea, os argaes ou trouxas dos bufurinheiros inglezes ou italianos se derretiam como se fossem de cera, e aquellas aboba-

das, frias e humidas, fossem de metal candente—e até os alforges do devoto monge, ou do veneravel clerigo se convertiam em escarcella bem provida de gastador prestameiro. As prisões dos logares afortalesados que coroavam diferentes cabeços de Galliza e Portugal eram uma especie de providencia, que em casos apertados acudia milagrosamente aos donos ou *tenentes* desses logares, quando os concelhos visinhos sabiam defender as suas tulhas e adegas, ou os acostados do fidalgo castelleiro murmuravam por falta das soldadas, ameaçando abandona-lo indefenso á revendita dos outros nobres com quem trazia guerra de homizio.

Devemos crer, ao menos piamente, que o conde Henrique, na epocha em que alevantou o castello de Guimarães, não lançou nos fundamentos do seu edificio soberbo um carcere seguro e vasto com os intuitos de rapina que guiavam o commum dos senhores nestas tristes edificações. Ainda que algum documentinho de má morte provasse o contrario cumpria-nos po-lo no escuro, ou contestar-lhe francamente a authenticidade, porque o conde foi o fundador da monarchia, e a monarchia desfunda-se uma vez que tal cousa se admitta. Assim é que se hade escrever a historia, e quem não o fizer por este gosto, evidente é que pôde tratar d'outro officio.

Fossem, porem, quaes fossem os motivos do conde, o certo é que não lhe esquecera o construir nas raizes daquellas torres e muralhas uma forte masmorra, cujo pavimento ficava inferior ao fundo do fosso lançado entre as barbacans e as quadrellas do muro. Este logar humido e mal-são apenas recebia a tenue claridade de duas troneiras que davam para a carcova. Dentro, uma escada de pedra fechada no alto com um alçapão chapeado de ferro conduzia á escada superior da torre. Ao lado via-se um potro, do qual estavam pendurados alguns tagantes ou açoutes de couro cru, cordas, e mais aparelhos de tratos. Defronte uma polé pendente de grossa argola cravada na abobada, e distante apenas da parede dois ou tres palmos, oscillava quasi imperceptivelmente com os golpes de vento que murmuravam pelas altas frestas ou troneiras. D'um pillar grosseiramente affeiçoado, que sustinha ao meio da quadra o fecho da abobada, sahiam alguns grilhões ferrugentos, chumbados na pedra. Estes grilhões eram — como uma sangria em caso de apoplexia fulminante o é na medicina — um luxo de sciencia de carcereiro — ou antes um pleonismo mais intoleravel que todos aquelles que costumam votar á execração publica os grammaticos e rhetoricos. Cadeias em tão seguro carcere eram absolutamente inuteis, e de feito bem se mostrava que alli tinham sido postas como simples adereço, e casquilharia de terror.

Um largo poial encostado ao pillar, e cuberto de uma pouca de palha meia podre formava com os instrumentos de martyrio todo o adorno da masmorra. Deviam contentar-se desse escabello para se assentarem, desse leito para dormirem, os habitantes desta melancholica morada. E com rasão: onde o exercicio dos membros só podia ser feito nas dores e angustias dos tratos, era leito de repouso a lagem fria do poial, e a palha já fetida que o cubria fofo almadrague de pennas.

Um cavalleiro, cuja qualidade se conhecia pelas esporas douradas, que ainda conservava afivelladas sobre os balegoens, e pelo cinto de prata que lhe apertava o brial, estava ahi assentado. Parecia co-

gitar profundamente. Quedo, com os cotovellos firmados sobre os joelhos e as faces entre os punhos, o vento que redemoinhava pela espaçosa quadra, ondeando-lhe os cabellos desordenados lhe fazia cahir sobre o rosto algumas madeixas que lho encobriam. Um soluçar comprimido era o unico signal de vida que se lhe percebia; no mais a sua immobilitade assimilava-se á de um cadaver.

O sol inclinava-se para o poente: os seus raios dourados roçando pela borda do fosso vinham aavez de uma das troneiras pintar um pequeno circulo avermelhado no pavimento da masmorra aos pés do preso, em cujo rosto batia a claridade pallida refrangida da lagem branca. A luz do dia ao desaparecer, como que se dobrava para affagar e beijar o desgraçado, que talvez não tornaria a ver. Dir-se-hia que os raios do sol se prendiam aos cabellos louros do mancebo onde folgavam scintillando tremulos, e que pediam áquelles olhos mortaes e meio-cerrados o ultimo olhar de saudade com que o homem costuma despedir-se do astro esplendido, quando elle se vai mergulhando na extremidade do horizonte.

E parecia que esta linguagem mysteriosa achava no coração do cavalleiro uma dessas harmonias inexplicaveis que Deus estabeleceu entre a natureza e o homem no grande concerto do universo. Afastou os cabellos da frente; depois poz os olhos no sol, e um sorriso quasi imperceptivel lhe fulgurou aavez do véu de melancholia profunda que se lhe estendia sobre as faces, como aavez do sudario delgado unido a um corpo morto parece ás vezes haver um rapido movimento de vida, que cessa no mesmo instante em que a vista pertende fixar essa illusão passageira.

O mancebo alevantou-se, crusou os braços e ficou por algum tempo com os olhos fitos na troneira illuminada. Finalmente levou a mão á frente, e os seus passos vagarosos soaram de um para o outro lado do calabouço. Pouco a pouco os labios agitaram-se-lhe como a superficie do mar que se encrespa aos primeiros sopros da procella. A tempestade accumulada naquella alma rebentou por fim dolorosa e terrivel: —

«Oh, — exclamou elle — como a vida é rapida e ao mesmo tempo eterna para o que sabe que vai morrer! Eternidade pelo infinito dos pensamentos que passam tumultuosos no espirito do condemnado: rapidez pela ligeireza com que para elle se encaminha a hora tremenda! E que importa? Aqui entre injurias, como um vil criminoso; no oriente, misturando o sangue com a terra que bebeu o Salvador; lá fóra dessas muralhas, em nobre lide de cavalleiros; — tudo é morrer! Que importa?...» E depois com um brado d'agonia como respondendo a si mesmo: — «Muito, muito! — porque amo; porque a vida é doce para mim por ella! — porque a morte ignominiosa é ignominia para a amante do homem que expirou em supplicio infame. Um cavallo e uma espada! — que me deem um cavallo e uma espada, e depois dez, vinte, cem guerreiros que me accommettam, que me despedacem ferindo-me a um tempo! Cahirei com honra! Dirão della: — eis a que amava um cavalleiro de esforço que bem soube morrer!... Ao menos assassinai-me aqui!... nos tratos... como vos approuver... mas não mancheis de opprobrio a minha hora derradeira!... Infante de Portugal, infante de Portugal! — vem salvar-me! — olha que querem cobrir d'infamia o teu Egas!»

E Egas — porque era elle — parecia aspirar o ruido longinquo dos ginetes de Affonso Henriquez precipitando-se para os muros de Guimarães; mas nos seus ouvidos apenas sussurrava aquelle zumbido duvidoso que se crê escutar no meio de completo silencio. Então atirou consigo de novo ao poial, e alevantou os punhos cerrados para o céu com um gesto indizível de desesperação. Depois os braços descahiram-lhe, a frente pendeu-lhe sobre o peito, e as lagrymas que revia o seu coração, queimadas pelo fogo que lhe lavrava lá dentro, seccaram de todo. Uma lembrança suave de amor convertêra a agitação da amargura na triste e ainda mais dolorosa tranquillidade do desalento.

«Dulce, Dulce, nunca mais te verei! — murmurou o mancebo. — Se ao menos podesse dizer-te que te amei leal e puro até o meu ultimo dia, e que este amanheceu porque viu cumprir, como cumprim todas, a minha derradeira promessa! Se eu podesse antes de deixar a terra antever o céu a teus pés!... Mas entre ti e mim estão estas pesadas abobadas, que me esmagam o coração; e a minha voz não as póde romper para te chamar, para te repetir mil vezes que morro porque te amava como mulher nenhuma foi amada! Dulce, Dulce, nunca mais te verei!»

E o desditoso cahindo de bruços sobre a palha immunda e fetida do calabouço, arquejava violentamente.

Naquella postura, exhaustas as forças d'alma, o trovador se conservou horas largas. Á vista dos homens elle saberia esconder o seu delirio, e morrer com firmeza; mas na solidão a saudade d'uma existencia cheia de amor e de esperanças, a vergonha de supplicio affrontoso, e o temor da morte lhe não consentiam velar-se diante de si proprio com a mascara que a vaidade e o orgulho põe na face humana ainda nas mais terribes situações, para que a vida seja uma contínua farça, da qual o coração é o actor mentiroso desde o berço até o sepulchro.

Tinha anoitecido, e o silencio continuava profundo: a frouxa claridade das estrellas não peme-trava no carcere cujas trevas eram densas, cuja atmospheria era grossa e humida no meio da secura de um ardente mez de junho. Cevando-se na amargura o senso intimo de Egas reconcentrara na dôr toda a sua energia, e este devorar-se a si proprio era ajudado pelo repouso dos sentidos externos, inuteis para o pobre preso na sua immobilitade e no silencio e escuridão que o rodeava.

Dahi a pouco, porem, uma toada longinqua de harpas, doçainas, e psalterios sussurrou a espaços trazida nas lufadas do vento. Insensivelmente o trovador pôz-se a escuta-la, e sentiu correr-lhe nas veias, que pulsavam ardentes, um frescor que refrigerava. A melodia que se ouve ao longe na solidão nocturna é como benção de Deus para o infeliz, porque é consoladora e santa. Quando aquelles sons vibravam mais distinctos Egas sentia dentro da alma uma certa voluptuosidade na dôr, e a imaginação lhe pintava a imagem de Dulce como visão aerea que descia ao horrivel calabouço, trajando alvas roupas, cingida a frente de cecens virginaes, e que apertando-o ao seio o arrebatava no meio d'hymnos dos anjos para as delicias eternas da patria do verdadeiro repouso. Era um sonho febril o seu; mas havia nelle um extasi indizível que lhe apagava da memoria a situação em que viera lançar-se. Emfim a toada cessou; e o cavalleiro

cabiu de chofre na realidade. Esse tombar repentino do céu no abysmo fez-lhe manar sangue de todas as feridas do coração. O vento sussurrava ainda; porem o seu agreste sibilar só lhe fazia lembrar o ruido do verme que no cemiterio devia lentamente devorar os membros do justicado.

E então elle despedaçava entre as mãos confrangidas os punhados daquella palha humida do seu leito de pedra; e os dentes rangiam-lhe em longo espasmo, que terminava por suor frio manando-lhe em bagas da fronte.

Quantas vezes elle na sua desesperação accusaria a Providencia por o haver tornado o maior dos infelizes! E comtudo uma agonia, que valera por todas as outras, ainda não viera roer-lhe o coração. As toadas que haviam alegrado por algum tempo a noite da sua alma partiam das salas illuminadas dos paços, onde em banquete esplendido o conde e a rainha celebravam as vodas da real pupilla e herdeira dos Bravaes, com Garcia Bermudez, o nobre alferes-mór de Portugal. — E elle não o sabia!

O som dos instrumentos começára a ouvir-se de novo, quando por cima daquellas melodias vibraram brados agudos mas longinquos que pareciam o grito d'alarma d'esculcas, que se punham successivamente de sobre-aviso. Estes brados aproximavam-se cada vez mais até que restrugiram nas barbacaãs — depois nos andaimes das quadrellas — depois nos eirados das torres. Repetidos por muitas vozes, conglobados n'uma grita confusa e indistincta formavam um ruido medonho, mas, para o cavalleiro que machinalmente se pozera a escuta-los, inintelligivel.

Para alguém, todavia, a significação deste bradar fóra bem clara e distincta. Uma almenara se accendeu subitamente no cimo da torre alvarraã, e pouco tardou que as outras torres lhe correspondessem accendendo as suas. O trovador não as via; mas a luz avermelhada dos fachos rezinosos, jorrando do alto, cabiu obliquamente no fundo encharcado do fosso e reflectiu-se pelas tronciras na abobada da masmorra. Do meio das trevas, recalcadas por essa claridade frouxa para o pavimento da quadra, Egas distinguia a argola brilhante da polé, semelhante ao olho reluzente de um demonio, que mirava attento o pobre captivo como se lidasse por enxerga-lo nas trevas.

De repente uma estrupida de cavallos, um tinir de espadas roçando por armaduras, a principio de poucos — depois de mais — depois de muitos, veio distrahir a attenção do trovador, que fascinado por aquelle olhar maldito da polé, não despregava della a vista. Este novo ruido soava da banda do portal do castello, e á luz triste das almenaras Egas viu passar como sombras alem do fosso um fio de cavalleiros, que despegando ao que parecia da ponte levadiça se dirigiam ao burgo. Era uma scena rapida e phantastica o coriscar continuo e fugitivo dos capellos de ferro, e das lanças aprumadas, e o desaparecer dos meios corpos dos homens d'armas, que a aresta da carcova apenas deixava descortinar. Aquella linha de vultos negros e lampejantes precipitava-se para as barbacaãs.

Uma esperanza duvidosa allumiou então a alma do cavalleiro. O bradar das atalaias, o repentino arrojado dos homens de guerra annunciavam um perigo imminente; e que outro seria este perigo, que não fosse a approximação do infante?.. Pela mente d'Egas passou uma idéa refrigerante de liberda-

de e de vida. Alevantou as mãos ao céu, e as lagrymas lhe borbulharam dos olhos, até ahí enxutos, ao murmurarem seus labios: — «Meu Deus, tu podes salvar-me! Salva-me, senão da morte, ao menos da ignominia.»

Mas quando se lembrou de que a noite correria sem combate, em quanto talvez não passasse sem que o desejo de vingança atroz se realisasse; quando reflectiu que o receio dos esculcas porventura fóra vão, e que até mil outros successos podiam dar motivo áquella revolta, a idéa de salvação desfez-se de novo no espirito do prisioneiro, que um momento vacillára na certeza do supplicio.

Encostando-se outra vez na sua dura jazida, Egas sentiu alongar-se a estrupida dos cavalleiros e voltar tudo gradualmente ao anterior silencio, no meio do qual a claridade das altas almenaras, refrangida nas guardas da carcova, penetrava no calabouço, como em igreja deserta os raios da luz das tochas penetram pelas juntas mal unidas do ataude á róda do qual ardem os brandões gigantes. Ás vezes dentro do ataude ha ainda vida, como a havia no negro calabouço; mas o que ahí faltava, como na tumba da igreja, era um raio de esperanza.

Passára mais de uma hora: a callada da noite fóra apenas interrompida por algum raro correr de ginete atravessando a ponte levadiça, e pelo sussurro do fallar e mover de muitos homens para o lado do burgo: sussurro quasi imperceptivel, mas que ás vezes estrepitava como um trovejar ao longe. Então o cavalleiro escutava aquelle som confuso como o enfermo que se revolve em seu leito, e crê achar allivio nessa mudança de situação.

Foi n'uma destas occasiões, em que o remoto ruido dos homens d'armas, misturando-se com as rajadas de um vento suão, era mais perceptivel, que uma pequena porta sumida em um canto obscuro do carcere começou a abrir-se mansamente, e deu passagem a alguém que descia para aquelle tenebroso aposento.

Era um vulto de mulher. Alvejavam-lhe as roupas fluctuantes á luz de uma tocha que trazia na mão, e os seus passos, postoque rapidos, pareciam vacillar descendo áquella especie de voragem. Cingia-lhe a cabeça uma grinalda de flores e trajava as gallas todas de uma noite de saráu; mas as suas faces eram pallidas como as da virgem morta, que, tambem engrinaldada a fronte, deitam no seu ataude.

Já tinha dado alguns passos na vasta quadra, quando o trovador, cujo olhar fóra attrahido pelo clarão da tocha, bradou com um grito de alegria e pasmo impossivel de descrever:

«Dulce!»

Era ella de feito.

O prisioneiro correu para a donzella e exclamou com voz affogada: «Oh minha Dulce!.. Deus ouviu-me... quiz que ainda uma vez te visse na terra... quiz suavisar-me este longo morrer!»

«Não morrerás! — interrompeu Dulce. — Estás livre! — O infante avisinha-se: cavalleiros, bésteiros e peões cobrem os andaimes das barbacaãs; e a rainha quer salvar-te. A porta occulta deste horrivel carcere está para ti aberta. As minhas lagrymas obtiveram della a chave, que morrendo lhe entregou o conde D. Henrique. Só de mim ella fiára o segredo de que existia este caminho secreto. Fernão Perez o ignora. Elle já sabiu para o burgo, e a rainha o seguirá em breve porque o conde a arrasta comsigo para testemunha do sangue que ámanhã deve correr. No meio do tumulto poderás

sahir de Guimarães: o teu pagem também já livre te espera com um ginete. . . . Parte oh parte sem demora.»

«Partiremos ambos — replicou o cavalleiro: — não esquecerias um palafrem para ti, uma espada para mim. Eu e tu temos de cumprir nosso juramento.»

«Egas — respondeu a donzella tristemente e redobrando-se-lhe a pallidez — o que exiges é impossível . . . impossível, porque o sol que breve hade romper allumiará um campo de batalha. Podes tu recordar-te de nossos juramentos quando diante de nós está um lago de sangue?»

«E que importa? — Alem desse mar de sangue que dizes haverá paz para ti — e por entre inimigos e amigos eu te farei passar alem delle. Então basta-me uma hora, e soldarei todas as minhas dividas.»

«O que exiges, repito, é impossível! — tornou Dulce com a energia tranquilla de profunda desesperação. — Nestes paços eu ficarei segura. . . . Depois. . . Se tu soubesses. . . oh, nada! . . . absolutamente nada. . . Sou eu que não sei o que digo. . . Por Deus, que parlas! . . . Um instante póde perder-nos.»

«Partirei — e já — acudiu o cavalleiro dando alguns passos e fitando os olhos em Dulce que se assemelhava a uma estatua de marmore: — mas tu partirás comigo, porque eu jurei salvar-te, e tu juraste segtir-me.»

«Tem piedade de mim, Egas! — murmurou a donzella erguendo as mãos.

«Vem! — foi a resposta que elle proferiu com o tom de uma resolução inabalavel, segurando o braço de Dulce, e pondo o pé no primeiro degráu da escada secreta.

De repente a pallidez da donzella converteu-se em vivo rubor. A timidez desapareceu dos seus olhos, que brilharam febris, e soltando-se da mão d'Egas, lhe disse em tom dolorosamente severo:

«Affasta-te! — vedado te é o tocar-me.»

O cavalleiro recuou espantado, cruzou os braços, e contemplou-a por alguns instantes em silencio.

«Entendo-te! — exclamou elle com um accento em que se misturavam mil affectos oppostos. — Não queres pôr á prova a lealdade de um homem que tudo arriscou por ti, que por ti só vivia, que por ti ia morrer em supplicio infame! . . . Que era, pois, o teu amor, donzella? Passatempo, e engano! Alguem mentia ainda ha pouco, dizendo que hoje me seguiria: alguem escarnecia o meu amor, porque vendêra sua innocencia ao estrangeiro, e talvez me vendeu a mim! Dulce, quem disse ao conde de Trava que hontem estive aqui?»

«Barbaro, que affrontas a desventura! — replicou Dulce cujas faces de novo haviam descorado. — Saberás tudo, já que assim Deus o quiz. . . Poucos dias me restam; mas esses não os quero viver calumniada e despresada por ti. . . Foi no meio de um banquete de noivado, quando as taças scintilavam erguidas, e as suspeitas carregavam o semblante do cavalleiro que devia estar mais alegre, e o coração da mulher que as outras envejavam estallava de dôr, foi então que se ouviu correr pelas torres e atalaias o grito de «inimigos:» — foi ao soar das trombetas, e ao desaparecerem os cavalleiros como relampagos, que a mulher cujo coração estallava de dôr, se achou só. . . Era a noiva: o esposo também partira. Então a desgraçada

correu a lançar-se aos pés da rainha e obteve a tua liberdade. . . Sabes quem era esta noiva? . . . Adivinhaste-o já! . . . Tive d'escolher entre a tua morte e ser mulher de Garcia. Não hesitei. E, todavia, eu era burlada; e tu devias morrer. . . Agora aqui estou. . . Vem, se queres. . . Fugirás com uma adúltera! . . . com uma adúltera. . . Será esse nome o que o mundo escreverá na fronte daquella que tanto amaste!»

Egas ficou immovel olhando para ella desorientado. Depois estendendo as mãos, e recuando ainda mais, bradou com um gesto d'horror:

«Perdição eterna para mim! — Perdição para ti, que me assassinaste!»

Dulce considerou callada por um momento aquelle horrivel delirio. Tremula e cheia de terror cahiu por terra murmurando entre lagrymas:

«Egas, perdoa-me o ter-te salvado! — Por tua mãe, pelo nosso amor que foi tão puro, oh, não me odees. Quem sabe?! . . . ante nós está a mocidade e o futuro. . . . Foge salva-te que ainda é tempo!»

O cavalleiro porem conservando os braços estendidos e hirtos, voltou a face, e respondeu furioso:

«Arreda-te, mulher do estrangeiro! Que pertendes de um condemnado? Deixa-me descer ao inferno sem me perseguir até lá! . . . Fugir! — oh, eu fugir?!»

E ria com rir medonho.

Dulce arrastou-se para elle soluçando.

«Vai-te: — proseguia o trovador, e afastando-se até o primeiro degráu da escada que dava para o alçapão ferrado da masmorra, e levantando a voz: — Carcereiros, levem esta mulher sem pudor que vem tentar um moribundo no hora solemne do passamento!»

«Tudo por ti, menos a infamia: — interrompeu Dulce, com resolução sobre-humana, pegando na tocha que ardia no chão, e retirando-se para a porta occulta. — Morrerás. . . . mas eu não tardarei apoz ti. . . N'um mundo melhor tu me farás justiça! . . .»

Não póde dizer mais nada, e desapareceu no vão escuro da porta, que se fechou atraz della. Um grito doloroso foi o que depois se ouviu; e depois profundo silencio. Os joelhos d'Egas curvaram-se debaixo delle, e encostou-se arquejando sobre os degráus da escada. Tinha acabado tudo para o desgraçado. Daria a alma aos demonios para ver diante de si Garcia Bermudez naquelle momento, porque sentia devora-lo a raiva de um tigre. O sangue do seu rival fôra um refrigerio para a febre que o consumia. A sua existencia era um pesadello monstruoso, um cahos de dôr e desesperação. Com os punhos cerrados, ameaçando o céu, bradou: «Providencia. . . mentira! — Então, como aterrado da blasphemia, cobriu o rosto com as mãos, e murmurou: «Perdão, meu Deus!» — As lagrymas rompiam-lhe violentas. Um instante mais que ellas tardassem aquelle coração teria deixado de bater para sempre.

Poucos minutos, porem, haviam passado quando um ruido de cadeias, acompanhado de ranger de quicios, soou por cima da cabeça do cavalleiro. Machinalmente elle alçou a cabeça: o pesado alçapão de carvalho chapeado de ferro alevantava-se lentamente, e quando rodou de todo a luz brilhante de dois fachos jorrou pela escada, e allumiou parte da masmorra. Dois homens d'armas estavam no alto da escada com os fachos nas mãos, e um

monge negro, que apparecia no meio delles, começou a descer a escada. O trovador pôz-se em pé, e estremecendo involuntariamente, recuou. O monge com o rosto sumido no capuz, e movendo-se compassadamente, era uma apparição sinistra.

Apenas este pôz os pés no pavimento do carcere, fez signal aos dois homens d'armas que se retirassem, e dirigiu-se ao preso. Cruzando as mãos sobre o peito e curvando a cabeça, disse com uma voz grossa e contrafeita:—

«*Dominus salvationem nostratibus et caetera.*»

«Quem sois vós?—Que me quereis?—perguntou o preso, que se affastára sumindo-se na escuridão do carcere, onde não batia a luz dos fachos.

«O nobre conde de Trava mandou chamar ao mosteiro de S. Salvador um sacerdote que absolvesse um homem que devia morrer breve. Recebi eu a mensagem e vim exercitar essa obra de caridade. Creio que sois vós que figurareis no auto. Ouvirei vossa confissão quando vos approuver, meu irmão!»

Isto disse o monge com tom solemne, e em voz alta de modo que fosse ouvido dos dois homens de armas que se iam retirando. Approximou-se ao mesmo tempo ao cavalleiro e segurando-lhe o braço o conduziu para ao pé de uma das troneiras, por onde entrava o clarão baço das almenaras. A luz dos fachos tinha desaparecido.

O frade recuou o capuz, e mudando repentinamente o metal de voz grossa em afflautada, proseguiu:

«Não me conheces, Egas? Não te lembras de D. Bibas, do jogral goliardo, com quem brincavas na tua infancia? Ingrato, que te esqueceste de mim.»

«Chocarreiro, para que vens apparecer-me neste trance tremendo?—interrompeu o trovador.—Porque vens misturar a risada do maninello com os derradeiros arrancos do moribundo?»

«Venho salvar-te, homem!—replicou o bobo.—Rir-me?!—O rir já não é para mim!»

«Nem tu o podes, nem eu o quero:—respondeu o cavalleiro.—Tens acaso força de quebrar estes ferros? Tenho eu que fazer da vida? O meu futuro acabou.»

«Cavalleiro namorado, bem sei que tua dama é já d'outrem!—insistiu o bobo.—Mas não achas uma idéa grande de que te alimentes ainda? Um destino a satisfazer? um nobre feito a proseguir? Tambem para mim, nesta vida risonha e folgada de bufão, houve uma hora de agonia e desesperação como a tua, e vivi! Vivi para vingar-me: para a vingança deves tu viver, se és um homem. Mal sabes que prazer é o responder com a injuria á injuria, com o martyrio ao martyrio! Olha: amanhã ha um topar em cheio de escudos e lanças, ha uma festa de sangue e matança; e o cavalleiro esforçado poderá pôr um joelho sobre os peitos do seu inimigo derribado, e gritar-lhe aos ouvidos apontando-lhe o punhal á garganta:—sou eu que te mando aos infernos!—Oh como será bom e consolador! Quizera ser forte, e ser cavalleiro... Mas tu o és: tu, o abandonado, podes abrir a vala dos mortos entre o altar e o leito do noivado; converter em escarneo e mentira as benções do sacerdote; ver a teus pés estorcendo-se moribundo o que assassinou a tua alma, e cuspir-lhe nas faces demudadas, e rir... desespera-lo com o teu rir... É tudo isto o que ha para ti na vida, se fugires. Se ficares, ao romper d'alva subirás a uma das torres deste castello para ahi assistires mudo e quedo ás

façanhas do teu rival; mudo e quedo pendurado de uma corda do alto das ameias, como um judeu vil, como um feiticeiro maldito...

«Oh não digas mais!—interrompeu o cavalleiro como embriagado e phrenetico pelo horror e pela vingança que respiravam as palavras, o gesto, o olhar de D. Bibas.—Não digas mais!—Tens razão, o vingar-se é o prazer supremo d'um reprobato!—Não acceitei *della* a liberdade: acceita-la-hei de ti... Depois... depois, Deus se compeça de mim.»

«Não ha tempo a perder:—proseguiu o bobo começando a despir a cogula que trazia vestida.—Toma este habito, e sahe, curvado e escondendo o rosto: os guardas não te conhecerão: dirige-te ao pateo principal do castello: junto á torre da esquerda é a pocilga do truão: a porta estará aberta: lá dentro, por detraz da minha pobre enxerga, é a entrada de um caminho subterraneo: segue-o: irás sahir bem perto do sitio aonde dizem que chegam os corredores do infante. O resto pertence-té a ti.»

«Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes bascando a sua victima, só te encontrarem a ti!—disse o cavalleiro hesitando.

«Pensas tu, que se a cabeça me corresse algum risco, eu a exporia por te salvar?—Oh que não!—Tambem tenho a minha vingança e quero folgar depois de a ver satisfeita. Deixar-me-hão aqui; porque o conde de Trava não voltará esta noite; e amanhã... oh amanhã!... Gonçalo Mendez da Maia virá soltar-me... Sei certo que hade vir.»

E apontando para a escada, repetiu: «Não ha um momento a perder.»

O cavalleiro callou-se e carregando o capuz sobre os olhos subiu a escada, e atravessando por entre os guardas, que mal olharam para elle attentos a fechar o alçapão da masmorra, sahiu da torre e encaminhou-se para o sitio que o truão lhe indicára. Os terriveis pensamentos que o agitavam produziam nelle uma desusada energia.

Quando o bobo se achou só, semelhante a tigre raivoso, galgou de um pulo ás grades de uma das troneiras: mirou o céu por alguns momentos, e depois deixando-se cahir em pé no pavimento, bateu as palmas bradando:

«Aragonez, ahi te envio o meu vingador! Conde de Trava, não tarda Gonçalo Mendez! Um castello por vinte açoutes!—o truão é mais generoso que tu. Oh, oh!...

E desatára a rir.

(*Concluir-se-há.*)

(*A. Herculano.*)

RIO GRANDE DO SUL.

(*Conclusão.*)

CUMPRE examinar se esta provincia, conforme o systema usado naquellas eras pelos soberanos de Portugal a respeito de quasi todo o littoral do Brasil, tocou tambem em partilha a algum particular. Pelo Septentrião, não chegaram até seu territorio as oitenta leguas de costa doadas a Pedro Lopez de Souza, as quaes findavam mais ou menos no rio de S. Francisco do Sul, e muito em duvida abrangeria a ilha de St.^a Catharina: pelo Meiodia não a comprehenderam as largas sesmarias que o auctor da *Noticia da justificação do titulo, e boa fé, com que se obrou a nova colonia do Sacramento, no con-*

tinente chamado de S. Gabriel, em as margens do Rio da Prata, refere que o príncipe D. Pedro, ainda regente, fizera mercê ao visconde de Asseca, e a seu irmão João Corrêa de Sá. Não era natural appetecerem terras desconhecidas, que um marítimo ouriçado de alfaques tinha impedido de alli surgirem os mais intrepidos navegantes: sobretudo experientes do exito ruinoso de taes empresas, ainda em outras donatarias, com bonissimos portos, de facil embocadura, e abrigados de vendavaes.

Portanto os riscos da entrada do Rio Grande de S. Pedro, invocação que é fama lhe deram os jesuitas das Missões do Uruguay, que vagavam por estas campanhas em cata dos indios, e a esparce-lada costa, sem abrigo nem surgidouro, foram sem duvida os obstaculos, que por tanto tempo retardaram fundações nestas planícies; apenas alguns habitantes das duas povoações portuguezas, que a la-deavam, tinham-se animado a transita-las, quando em 1715 o governador do Rio de Janeiro, Francisco de Tavora, ordenou a Francisco de Brito Peixoto, capitão mór da villa da Laguna, e da qual havia sido o povoador com seu pai e irmão á custa dos seus cabedaes, que fizesse examinar as campanhas do sul até á colonia do Sacramento e pesquisar se algum daquelles sitios se achava occupado por estrangeiros; expediu elle a esta diligencia cinco homens brancos com alguns escravos, os quaes depois de tudo explorarem até á aldêa dos Indios Charruas de S. Domingos Soriano, ao voltar com a noticia de que se conservavam desempeidos, foram atacados, aprisionados, e despojados d'armas e roupa por um troço consideravel de indios, de cujo captiveiro, passados tempos, conseguiram escapar.

Segunda expedição composta de quarenta homens brancos, e vinte e cinco escravos, atravessou a campanha, e recolhendo-se com porção de gado, que havia arrebanhado das visinhanças de Maldonado, encontrou nas margens do Rio Grande um lote de quarenta indios das reduções castelhanas, que levados á Laguna declararam serem enviados pelos seus padres a escolher sitio adaptado para novas aldêas. O capitão mór os afagou, brindou, e despediu com uma carta para os mesmos missionarios jesuitas, na qual lhes intimava que todo aquelle territorio pertencia ao dominio portuguez, e portanto se abstivessem não só de alli erigir povoações, mas até de o devassar pelos seus emissarios. Para estorvar semelhantes introduções furtivas, despachou ainda seu genro João de Magalhães com trinta homens, e com insinuação de os ir deixando estabelecerem-se por aquellas desertas paragens, e tambem de concertar alliança e amizade com os minuanos. Por esta forma se conseguiu frequencia e communicação destes indios com a villa de Laguna, e datam desde então as primeiras estancias de gado, que os nossos foram por aqui formando.

Entretanto que os portuguezes da Laguna se aposavam, e vigilantemente defendiam, da parte marítima, novo projecto se levantava de a penetrar pelo sertão: Bartholomeu Paes de Abreu, das principaes familias de S. Paulo, e distincto já por serviços assignalados, concebeu a idéa de uma estrada de communicação, e representou ao governo em 23 de maio de 1720: «Que, á excepção dos barbaros selvagens, restando despovoado o extensissimo paiz desde a Laguna até á colonia do Sacramento, de nenhuma utilidade era para o estado o innumeravel gado, que o cobria, podendo aliás ser de

incalculavel vantagem, como affiançava a experiencia do que em circumstancias analogas aconteceu com as minas d'ouro dos Cataquazes [hoje capitania de Minas Geraes], que em pouco tempo depois de descobertas, tinham-se augmentado com as provisões de gado de toda a especie, extrahido dos sertões da Bahia; que se offerecia a abrir franca passagem pelo interior das duas capitancias: sem o minimo dispendio da real fazenda: em recompensa porem desse relevante serviço exigia: 1.º Ser donatario de quarenta leguas de terra nas margens do Rio Grande, demarcadas pela costa, vinte para o norte e vinte para o sul, e os fundos por todo o sertão pertencente a Portugal, de juro e herdade, com um padrão de 200,000 réis, assentado na passagem do mesmo Rio Grande, e a patente de capitão mór daquelle districto; 2.º passarem livres de direitos pelos primeiros nove annos os animaes, que exportasse para si ou seus socios; 3.º ser guardamór geral de quaesquer minas, que se descobrissem nas vertentes do Rio Grande, e serros circumvisinhos, com iguaes ordenados aos que se conferiam ao guarda-mór das Minas Geraes.

Demorou-se a córte em resolver; mas chegando a S. Paulo, em 1721, o governador e capitão general Rodrigo Cezar de Menezes, e trazendo positivas instrucções para convencionar com Bartholomeu Paes sobre a abertura do caminho para o Rio Grande, por parecer o melhor meio de segurar estas possessões, ou fosse por achar então ausente o dito Paes, empenhado em descobrir estrada para o Cuyabá, ou por esperanças de conseguir o intento sem os exuberantes premios exigidos, concertou a empresa em 1722 com Manuel Godinho, que não a realisando por inconvenientes, passou de novo a contrata-la com Luiz Pedrozo de Barros pela mercê de um habito de Christo, com a tença annual de 60,000 réis, graça que se verificou em seu sobrinho o Mestre-de-campo de auxiliares Manuel Dias da Silva.

Este mesmo Mestre-de-campo, ao correr o anno de 1735, acompanhado de uma partida escolhida, atravessou em tres mezes o sertão a fim de fazer diversão ás forças, que sitiavam a colonia, superando os maiores obstaculos. Chegando aos campos denominados da Vacaria, levantou um padrão do madeiro mais grosso e que pareceu menos corruptivel, e nelle gravou a inscripção: «Viva o muito alto, e muito poderoso Rey de Portugal, D. João V, Senhor dos dominios deste sertão da Vacaria.»

Assim a illesa conservação destes territorios no senhorio portuguez é mais um testemunho do zelo e do entusiasmo patriótico, que instigavam os paulistas para os altos feitos, em que á custa de suas fazendas e vidas tanto se extremaram; propensos por genio e por educação a empresas arduas, não só defenderam, mas ainda alargaram as raias deste estado, que sem elles é provavel estivessem hoje reduzidas a mais estreitos limites; por isso a historia daquella provincia será tambem a historia geral do Brasil.

VANTAGENS E CONDIÇÕES DO MATRIMONIO.

ESPANTAM-SE os moços com o que ouvem dizer do casamento, de ordinario aos mal casados, porque, senhor, ha Vm. de saber que muito mais certo é que o mantimento bom se converta no máu humor que em nós acha do que converter o máu humor

nessa sua boa virtude. Parece-lhes aos moços intolável a carga do matrimonio. É, Sr., pesadíssima para os que a não sabem levar; para os que sabem é ligeira. Uma arroba de ferro ao hombro carrega um homem que com o facil artificio de duas rodas póde levar um quintal. Não excede o peso do casamento as nossas forças, falta-lhe as mais das vezes nossa prudencia para que o sustente; e dahi vem que nos pareça grande. — Quer Vm. ver quão leve é a carga deste modo de vida que toma? Meça-a com o peso de essoutra vida que deixa. Ponha, Sr., em balança a inquietação passada, os perigos, os desgostos, a desordem dos affectos, aquelle temer tudo, não fiar de nada, o queixume que doe, a vingança que arrisca, a ruim lei que desespera, os ciumes que abraçam, os amores que consomem, a honra em occasião, a saude diminuida, a vida arriscada, e o que é mais, a consciencia sempre queixosa. — Ora alviçaras, Sr., que já lá vai tudo isto. Em verdade quando o casamento não trouxera outro algum bem, mais que livrar de tantos males, justamente merecia o nome de santa e doce vida. — Pois vejâmos o que se lhe dá a um casado, a troca dessa liberdade, que elles tanto allegam que deixam. Dá-se-lhe outra; entrega-se-lhe a mulher com a liberdade, com a vontade, com a fazenda, com o cuidado, com a obediencia, com a vida, com a alma. Quem pesará o que deixa com o que recebe que logo não conheça os ganhos desta troca?

Uma das cousas que mais assegurar podem a futura felicidade dos casados é a proporção do casamento. A desigualdade no sangue, nas idades, na fazenda, causa contradicção; a contradicção discordia. Eis-aqui os trabalhos por donde vem. Perde-se a paz, e a vida é inferno. Para a satisfação dos pais convem muito a proporção do sangue, para o proveito dos filhos a da fazenda, para o gosto dos casados a das idades. Não porem que seja preciso uma conformidade de dia para dia, entre o marido e a mulher; mas que não seja excessiva a vantagem d'um a outro. Deve ser esta vantagem, quando a haja, sempre da parte do marido, em tudo a mulher superior. E quando em tudo sejam iguaes, essa é a summa felicidade do casamento. — Dizia um nosso grande cortesão, havia tres castas de casamentos no mundo: — casamento de Deus, casamento do diabo, e casamento da morte. De Deus o do mancebo com a moça. Do diabo, o da velha com o mancebo. Da morte, o da moça com o velho. Elle certo tinha razão; porque os casados moços vivem com alegria. As velhas casadas com moços vivem em perpetua discordia. Os velhos casados com as moças apressam a morte, ora pelas desconfianças, ora pelas demasias. Mas porque estas cousas são muito geraes, e ainda os incapazes tem dellas o conhecimento que aos entendidos lhes sobeja, é tempo de passar a alguns mais particulares avisos. Senhor, saiba Vm. que á sua alma se accrescenta outra alma de novo; á sua obrigação se ajunta outra obrigação. Assim devem crescer seus cuidados e seus respeitos. É da mesma sorte que se a um homem que possuísse uma herdade, a qual cultivasse, lhe fosse deixada outra de novo, para o mesmo effeito; este tal homem, sem diminuir em sua alegria, era força que na diligencia se avantajasse por abranger com seu trabalho a ambas aquellas suas fazendas; nem mais nem menos deve o casado multiplicar o tento e a fadiga [sem que por isso se entristeça] por não faltar ao novo

cargo que tomou, e lhe entregaram com a mulher que lhe deram; não para que a arriscasse e perdesse [e a si mesmo com ella], mas para que com maior commodo e descanso podesse passar com ella a vida. Passemos a ver se será possível dar alguma regra ao amor; — ao amor que sohe ser a principal causa de fazer os casados mal casados; umas vezes porque falta, e outras porque sobeja. Armemos-lhe, sequer, as rêdes, caia elle se quiser, e o mais certo será que vòe e fuja dellas; porque quiçá por isso o pintaram com azas. — Ame-se a mulher, mas de tal sorte que se não perca por ella seu marido. Aquelle amor cego fique para as damas; e para as mulheres o amor com vista. Ora cure os olhos que tem, ou os peça emprestados ao entendimento desses que lhe sobejam. Digo, perder pela mulher: perder por ella seu marido a dignidade e compostura de homem de lhe não contradizer sua vontade, quando é justo que lh'a contradiga. Saiba-se, e tema-se, que tambem ha narcisos do amor alheio, como do seu proprio. — Gabavam muito certos cardeaes ao papa Pio 5.^o um seu creado que elle mais favorecia. Respondeu-lhes: Bom é, mas nunca me contradiz. Tão longe está de ser desamor que antes é perfeição do amor o saber encontrar a vontade de quem se ama, quando ella não deve de ser seguida. Ha alguns, Sr., de tão pouco juizo, que fazem ostentação de seu proprio captiveiro. Igual affronta é a um casado saber-se que o manda sua mulher, que saber-se que ella é de seu marido escrava, e não companheira. Este fôro, esta prerogativa de que cada um é bem que use logo ao principio, convem que se concertte. O marido tenha as vezes de sol em sua casa, a mulher as da lua. Allumie com a luz que elle lhe der; e tenha tambem alguma claridade. A elle sustente o poder, a ella a estimação. Ella tema a elle, e elle faça que todos a temam a ella; serão ambos obedecidos. Dissera eu que as mulheres são como as pedras preciosas, cujo valor cresce, ou mingua, segundo a estimação que dellas fazemos. — Os que casam com mulheres maiores no ser, no saber, e no ter, estão a grandissimo perigo. Deste livrou Deus a Vm. Os mais annos são grandes arrhas no casamento, em favor da auctoridade do marido. O homem que casa com mulher de pouca idade leva a demanda meia vencida. Nos tenros annos não ha ruim costume, porque ainda o menos advertido está no animo como hospede, e não de assento. Accusando um homem a sua mulher de mal acostumada, diante do seu principe, foi d'elle perguntado de que annos entrára no seu poder; e como lhe dissera o marido que de doze, respondeu aquelle rei: — Pois vós sois o que deveis ser castigado, que tão mal a criastes. Um leão em pequeno se amansa: aos proprios ferros da gaiola em que vive preso toma affeição um passarinho; sendo aquelle por seu natural feroz, e este livre. É a criação outro segundo nascimento, e se em alguma cousa differe do primeiro, é só em ser mais poderoso este segundo. — *D. Francisco Manuel de Mello: Carta de guia de casados.*

Não disputeis com loucos, ebrios e nescios; a victoria não dá gloria, e a derrota é vergonhosa.

Os intrigantes persuadem-se que a intriga inculca talentos e capacidade; a experiencia os desmente: annuncia ignorancia e improbidade.

Marquez de Maricá.